



LUÍS FILIPE MARINHEIRO



POEMA

perdeste os dedos na pura ideia de que eram a voz abandonada
das aves a fluir neste falso mundo
duvidaste procurá-los nos ninhos a ruir
sobre todas aquelas cidades ao lume agarradas à tua desolação

saíste a flutuar com os pés a roçar no céu que gira na gravidade
espantosa dum azul sucessivo

deste a volta sem coragem às extremidades dessas cidades espessas
pelas muralhas porque se amam e alargam o enxofre maldito
até ouvir a saudade triste a gesticular e a bailar na lembrança
que sempre parte por esse mundo adentro
e te asfixia cúmplice

depois na certeza de escreveres com a sede desse corpo a afastar-se
porque nunca se conheceu ou amou verdadeiramente
és tu patético a correr sem saberes onde essas estradas oxidadas
pelo tempo velhíssimo te levam...

e se as tuas mãos são ou não arrancadas pelas tempestades
a sentirem que és tu mesmo quem se perde nas artérias a pingar
a pouco e a pouco sangue dessas cidades

e a tua pele agita-se porque ouves dentro do peito uma lâmina
sonâmbula a rasgar o medo que envelhece com a tua última escrita

e a tua pele agita-se porque ouves dentro do peito uma lâmina
sonâmbula a rasgar o medo que envelhece
com a tua última escrita

(de "Noutros rostos", 2014)

<http://aviagemdosargonautas.net/2014/11/29/lancamento-de-noutros-rostos-de-filipe-marinheiro-hoje-29-de-novembro-das-15-as-19-horas-casa-do-despacho-da-santa-casa-da-misericordia-de-aveiro-ao-lado-da-igreja-da-misericordia/>



formas pressentidas / 33
acrílico s/ tela 60 x 60 cm. / 2010